

INDUMENTÁRIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: O CASO DO MUSEU DE HÁBITOS E COSTUMES DE BLUMENAU

Carine Paulo¹
Aline Carmes Kruger²

Resumo

A presente pesquisa tem como foco o estudo da indumentária como fonte de informação. De maneira específica, foram investigados os estudos sobre a temática dentro da ciência da informação, posteriormente, foi apresentado o acervo do Museu Hábitos e Costumes de Blumenau (SC) como uma fonte de informação e realizada uma análise da documentação do museu. A pesquisa bibliográfica deu-se em bases de dados e a pesquisa documental em fontes digitais para encontrar informações sobre o museu e numa mostra das fichas catalográficas utilizadas pela instituição museológica. Em pesquisa sobre o tema, percebeu-se uma escassez de publicações que conversem com indumentária e fonte de informação, entretanto, dentro do campo da museologia o diálogo é muito mais expandido. Concluiu-se que o acervo do museu em questão é uma fonte de informação importante e com potencial de pesquisa, apesar de ainda estar em processo de organização documental durante a realização da pesquisa.

Palavras-chave: Indumentária; Moda; Ciência da Informação.

1 INTRODUÇÃO

A biblioteconomia, como área da ciência da informação, tem como objeto de estudo a própria informação. Capurro e Hjørland (2007, p. 187) acreditam que o foco de profissionais da informação “implica uma abordagem sociológica e epistemológica para a geração, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação”. De acordo com os mesmos autores, a definição de informação é muito abrangente, entretanto, o que distingue um dado de informação são as necessidades do público-alvo.

A ciência da informação e a indumentária se aproximam nesta pesquisa para discutir a informação. A indumentária faz parte do dia a dia das pessoas e tem como propósito: o ato de vestir, considerando aspectos culturais e a forma como nos apresentamos para o mundo. Quando uma peça indumentária passa a ser guardada e colecionada, sua função pode tornar-se a de representar uma sociedade na sua temporalidade.

De acordo com Stefani (2005) a palavra *moda*, muitas vezes remete à ideia de roupa, mas também contempla seus adornos e, portanto, tudo que é denominado *indumentária*; que quando apresentados em conjunto, formam um sistema expressivo.

Na obra *Dicionário da Moda*, Sabino descreve a indumentária como sendo um

conjunto de roupas, calçados e acessórios usados pelos diversos povos nos diferentes momentos da História da Humanidade. O estudo da indumentária, decorativa ou simplesmente adotada como proteção ao corpo, traduz os usos e costumes dos incontáveis povos do planeta, mostrando suas origens e relacionando-os aos inúmeros séculos vividos por homens e mulheres. A partir do final do século XVII, a indumentária e a moda passam a caminhar juntas (SABINO, 2007, p.340 apud PALHARES, SILVA, OLIVEIRA, 2019, p. 96)

Nesta pesquisa, entende-se como moda e indumentária tudo aquilo que inclui o ato de vestir e seus adornos.

¹ Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Doutora em Museologia e Patrimônio e Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Este estudo tem como foco contextualizar a moda dentro da biblioteconomia como possibilidade de pesquisa e investigar o Museu de Hábitos e Costumes, localizado na cidade de Blumenau, Santa Catarina. Esse museu conta com um acervo indumentário que representa a cultura e historicidade da cidade, apontado por Salles (2016) como uma importante coleção têxtil nacional.

Objetiva-se, de modo geral estudar a indumentária como uma fonte de informação. Tem-se como objetivos específicos investigar os estudos de indumentária na ciência da informação; apresentar o acervo do Museu de Hábitos e Costumes como fonte de informação; e analisar a documentação das peças do Museu.

Ao investigar estudos referentes à moda na área de biblioteconomia, deparou-se com a escassez de publicações e pesquisas relacionando a indumentária como fonte de informação. Portanto utilizou-se deste fato já que a temática representa um suporte informacional histórico-cultural e com valor documental.

Talvez, uma das grandes contribuições da moda para os estudos históricos foi a de inserir as roupas no bojo do conceito de documentos, trazendo, com elas, alterações significativas nas maneiras de olhar e conceber o que é a história, do que ela é feita, e de como pode ser conhecida e explicada; perspectivas que, em nosso entendimento, enriquecem a prática de pesquisa e o conhecimento histórico (SIMILI, 2016 p. 242).

Por fim, a escolha do tema também considerou o fato de não existirem muitos estudos científicos sobre o Museu de Hábitos e Costumes de Blumenau no período de realização desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa de abordagem qualitativa, são analisados materiais providos de pesquisa bibliográfica juntamente com pesquisa documental.

De acordo com Menezes (2009, p. 16), a pesquisa qualitativa considera a existência de “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. [...] O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”. Escolheu-se a abordagem qualitativa por se tratar de um estudo no campo das ciências sociais aplicadas e que trabalha diretamente seu possível símbolo como uma fonte de informação.

Como ponto de partida, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema nas bases Scielo, Brapci, EBSCO, Redalyc, Repositório FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). Para as buscas, não se definiu recorte temporal e para cada pesquisa foram utilizados todos os campos (exceto quando indicados com *, em que se utilizou o campo título). A coleta dos materiais foi realizada durante os meses de janeiro e fevereiro de 2021, e a seleção dos mesmos ocorreu de janeiro a maio do mesmo ano. Os resultados preliminares desta consulta encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 - Pesquisa Bibliográfica

TERMO	SCIELO	BRAPCI	EBSCO	Redalyc	Repositório FEBAB	BDTD
“Moda” AND “Informação”	19	3	24	16	7	12*

“Indumentária” AND “Informação”	2	29	0	0	1	5
“Fashion” AND “Information”	41	16	70*	3	31	0*
“Moda” AND “Museu”	10	1	2	11	38	8*
“Indumentária” AND “Museu”	6	1	0	3	32	17
“Fashion” AND “Museum”	4	3	72*	2	1	21

Fonte: elaborado pela autora (2021).

A segunda etapa realizada foi a pesquisa documental, por meio através das fichas catalográficas das peças do Museu de Hábitos e Costumes em formato PDF, bem como por documentação online encontrada em sites relacionados ao museu. A pesquisa documental “é destacada no momento em que podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta.” (PRODANOV, FREITAS, 2013, p. 56).

De acordo com Gil (2002), as pesquisas bibliográfica e documental podem ser muito similares, mas o que as difere são as fontes utilizadas. Enquanto a pesquisa bibliográfica utiliza materiais científicos, a pesquisa documental utiliza documentos que não receberam um tratamento analítico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui são apresentadas as leituras e fundamentos teóricos que embasam a pesquisa divididos entre fonte de informação, indumentária como fonte de informação e o Museu de Hábitos e Costumes.

3.1 FONTE DE INFORMAÇÃO

Inicialmente é importante diferenciar dado, informação e conhecimento. Para esta diferenciação utilizou-se Setzer (1999). Para o autor, os dados são sequências de símbolos. Eles, isoladamente, representam aquilo que simbolizam; como, por exemplo, as letras, imagens e sons. Já a informação representa algo significativo para alguém através desses meios. A informação utiliza-se de um conjunto de dados para tornar-se algo significativo.

Por fim, o conhecimento está relacionado com o subjetivo, com a experiência direta do sujeito. Que transforma as informações em uma coisa maior, um conhecimento.

A informação é o objeto central dos estudos da ciência da informação, e ela pode ser encontrada através de diversas fontes documentais. De acordo com o glossário e livro de referência para bibliotecários da Harrod's, uma fonte de informação pode ser qualquer documento que forneça aos usuários de bibliotecas, ou usuários de serviços de informação, as informações solicitadas. Também considera como fonte os dados ou registros que fornecem a base para uma pesquisa informativa (PRYTHERCH, 2005, tradução nossa).

É importante lembrar que a informação só é útil àquele que a procura. Miranda (2006, p. 103) aponta uma questão importante, ao mencionar que “grupos distintos de pessoas têm diferentes necessidades e hábitos de busca de informação, bem como estilos diferentes de processar a informação”.

Entretanto, fontes de informação vão além dos suportes convencionais e podem apresentar-se de outras maneiras. Para Otlet, as informações podem ser encontradas em diversos suportes, mencionadas pelo autor como documentos. Para ele, o “documento é o livro, a revista, o jornal, é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, [...] o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica” (OTLET, 1937 apud TANUS; RENAU; ARAÚJO, 2012, p. 159).

Dentro de um contexto em que documentos são fontes de informação apresentadas em suportes variados, é importante ressaltar que “a documentação serve como instrumento de comunicação e preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica” (YASSUDA, 2009, p.22).

Alguns autores, como Cunha (2001), afirmam que o conceito de fonte de informação pode abranger peças museológicas. Nesse sentido, Santos Neto e Santos (2018) garantem que é possível extrair muitas informações sobre um tecido dentro de uma biblioteca.

Portanto, entende-se fonte de informação como sendo um conjunto de dados que seja relevante àquele que demanda informação, independente do suporte informacional.

3.1.2 Indumentária como fonte de informação

As indumentárias, por suas características físicas ou de uso, podem remeter a um determinado recorte de época, seja por sua utilização ou pela fabricação das peças. Como visto na seção anterior, uma fonte de informação pode variar dentre inúmeros tipos de suporte, incluindo as indumentárias. Castro, Castro e Oliveira (2015, p. 14) afirmam que “A moda como aspecto da vida social pode ser considerada uma manifestação e uma representação informativa”. As vestimentas e seus adornos aparecem comumente como objetos documentados dentro de museus e modatecas e compreende-se que a peça de indumentária somente se torna um documento depois de adentrar a uma unidade de informação; pois segundo Padilha (2014), a seleção, interpretação, registro, organização e armazenamento são as ações que dão intencionalmente valor documental, patrimonial e informacional a um objeto, tornando-o um documento.

Nesse aspecto, Ferreira explica que a indumentária

ao adentrar o espaço museal perde o seu sentido original de mera peça de vestuário, e passa adquirir novos significados, novas funções, ao se tornar um objeto exposto na vitrine de um museu, fazendo parte agora de uma narrativa maior, representando uma época, um contexto ou um estilo, torna-se memória viva de um tempo (FERREIRA, 2015, p. 12).

Após fazerem parte de uma coleção museal, as indumentárias continuam com papéis importantes na sociedade, como afirma Benarush (2012, p. 11) “mesmo depois de estabelecida sua posição final como memória e/ou patrimônio, a roupa continua a ser ressignificada, dessa vez através de exposições e pesquisas.” (BENARUSH, 2012, p. 11)

É evidente o reconhecimento da indumentária como uma fonte de informação, e consequentemente como uma importante fonte de pesquisa, como aponta Andrade (2006, p. 5), ao mencionar que “priorizar a roupa como fonte histórica dentro de um trabalho de pesquisa é reconhecer, finalmente, o papel fundamental e central desta fonte na história e no cotidiano de artefatos têxteis e da moda”.

Entende-se assim que a indumentária, enquanto peça de vestimenta, representa sua função utilitária juntamente com uma identidade pessoal e social; entretanto, quando dá entrada a uma unidade de informação e passa por processamento técnico torna-se um documento e consequentemente uma fonte de informação.

3.2 MUSEU DE HÁBITOS E COSTUMES

O Museu, objeto deste estudo, localiza-se em Blumenau, Santa Catarina, na rua XV de novembro, nº 25. O prédio, datado no final do século XIX, era sede do comércio de Gustavo Salinger no pavimento térreo e utilizado como residência no segundo andar. Nos anos de 1930 foi sede do Banco Nacional do Comércio, da Distribuidora de Tecidos Catarinense e, posteriormente, um comércio de cristais. No ano 2000 o edifício foi tombado pela Fundação Catarinense de Cultura e em 2008 foi restaurado para receber o Museu de Hábitos e Costumes (FCC, [2021?]). Entretanto, somente em 2010 o museu foi inaugurado (BOREL, 2020).

De acordo com o site da Prefeitura de Blumenau, “trata-se de um acervo representativo do universo do vestir-se, costurar, brincar, morar e viver em Blumenau desde o final do século XIX até a atualidade, para a presente e futuras gerações” ([s. d.], online).

O acervo foi doado em sua maioria pela Sr.^a Ellen Weege Vollmer à Fundação Cultural de Blumenau e conta com peças de indumentária, brinquedos e objetos de uso doméstico.

A Sr.^a Ellen era moradora da cidade de Blumenau e tinha como hobby, desde a infância, colecionar objetos da comunidade. Ela foi uma grande entusiasta da cultura local, e graças à sua coleção o Museu de Hábitos e Costumes pôde ser criado. A mesma doou cerca 75 malas com artigos indumentários que marcaram sua época e a história de Blumenau (BLUMENAU, 2017). O Museu tem como missão institucional

promover a preservação, a pesquisa e a comunicação do patrimônio material dos hábitos e costumes blumenauenses, no contexto dos séculos XIX e XX, contribuindo para a valorização da cultura e fortalecimento da identidade da comunidade respeitando sua diversidade (BOREL, [2020]).

Tem como visão “prestar a serviço à sociedade, por meio do resgate, valorização e reconhecimento do patrimônio regional, contribuindo para o fortalecimento identitário e da cidadania dos blumenauenses” (BOREL, [2020]).

Entende-se assim a relevância do Museu para a cidade e história local, e surpreende o fato da escassez de pesquisas sobre o mesmo na data de realização deste projeto.

3.3 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

A documentação museológica refere-se à parte documental de um museu. Segundo Padilha (2014), a documentação de um museu é dividida em documentação do objeto (trata da compilação dos dados e do tratamento informacional de cada objeto) e documentação das práticas administrativas (documentação produzida pela própria instituição).

A importância de uma documentação de instituição se dá pela posterior recuperação das informações, já que “o processo de documentação está intimamente ligado à recuperação de dados que são obtidos através das diferentes funções do museu e que envolvem a elaboração de algum tipo de informação de seu conteúdo” (HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 1994, [n.p.], tradução nossa)

A documentação museológica, segundo Costa (2006), é dividida em seis etapas, sendo elas:

Quadro 1 - Etapas da documentação museológica

Aquisição	refere-se ao modo como o museu adquiriu aquela peça. Em geral, são feitas por coleta, doação, legado, empréstimo, compra ou permuta.
-----------	--

Arrolamento	listagem de acervo ou coleção com numeração provisória.
Registro ou inventário	é o sistema que permite identificar e controlar os objetos do acervo permanente ou temporário de um museu.
Classificação	é o estabelecimento das principais categorias das coleções e inserção dos objetos nessas categorias.
Catologação (fichas)	Contêm informações extensivas sobre cada objeto da coleção do museu.
Pesquisa	Entende-se por pesquisa museológica toda informação que o objeto possui de ordem socioeconômica-cultural. Todo acervo museológico deve ser pesquisado. Só assim será possível o máximo de informações sobre o objeto.

Fonte: adaptado de Costa (2006)

Yassuda (2009) afirma que a documentação museológica necessita uma maior concentração de campos descritivos, pois os acervos de museus contemplam uma diversidade maior em itens de coleções quando comparados a arquivos e bibliotecas. A autora, citando Camargo-Moro (1986), Castro (1999), Ceravolo e Tálamo (2000) e Olcina (1986), também afirma que é responsabilidade do museu proporcionar meios de disseminação da informação por meio da documentação de suas coleções, pois é fundamental o processo de comunicação entre o item e o usuário.

A documentação museológica serve, resumidamente, para o acesso à informação; funciona como uma fonte de informação a respeito da instituição museu e/ou sobre suas peças. Nesse sentido, Le Coadic (2004) afirma que a mudança de paradigmas na ciência da informação “permite perceber a passagem progressiva da ênfase no documento para a ênfase na informação, de uma orientação ao sistema para uma orientação para o usuário” (LE COADIC, 2004, p. 110).

Entende-se assim que a documentação museológica é de suma importância para a construção de uma memória institucional, mas principalmente para organização e a posterior recuperação da informação que permeiam as coleções e o próprio museu.

4 ANÁLISE DOCUMENTAL E RESULTADOS

A segunda etapa desta pesquisa iniciou-se com o Museu de Hábitos e Costumes e a Secretaria de Cultura de Blumenau. Em virtude da pandemia da Covid-19 optou-se por realizar uma pesquisa sem visita presencial, em virtude da preservação da saúde e porque durante a maior parte da realização do projeto o museu encontrava-se em reforma. Por conta disto, foram utilizadas somente fontes digitais.

Por meio de contato telefônico e via correio eletrônico conseguiu-se as informações de que o acervo do museu está em processo de documentação. Este processo de documentação do museu se dá por meio de termo de doação, livro tomo e ficha catalográfica.

A secretaria junto com a museóloga atuante puderam enviar por email uma pequena amostra de fichas catalográficas em formato PDF, para apreciação dos campos utilizados na documentação (modelo das fichas analisadas em anexo). Segundo a museóloga, o total de obras do museu gira em torno de 5.000 obras, constando no inventário de aproximadamente 4.200, entretanto, como o museu está em processo de documentação, existem somente 200 fichas catalográficas preenchidas até o momento da realização da pesquisa.

Quando visto pela Ciência da Informação, o museu é uma unidade de informação que trabalha com a organização, o tratamento, o armazenamento, a recuperação e a disseminação da informação produzida a partir de suas coleções. Neste sentido, cabe a ele desenvolver um sistema documental que esteja em conformidade com os princípios da Teoria da Documentação, utilizando as linguagens documentárias que irão proporcionar a maximização na recuperação e acesso à informação (YASSUDA, 2009, p. 15-16)

Ao analisar as fichas recebidas pela instituição (Figura 1), percebeu-se que nem todos os campos foram utilizados.

Figura 1 - Modelo de ficha catalográfica utilizada pelo Museu

Museu de Hábitos e Costumes		
Ficha catalográfica		
Objeto:	Nº registro:	
Classe:	Nos. Anteriores:	
Termo regional:		
Título/Assunto:		
Material:	Técnica:	Localização:
Descrição:		
Época:	Marca/Inscrições:	
Autor:	Dimensões:	
Data de aquisição:	Modo de Aquisição:	
Procedência:		
Doador:		
Histórico:		
Observação:	Negativo Nº:	
	Localização:	
Referências bibliográficas:		
Estado de Conservação: () ótimo () bom () regular () péssimo		
Observação:		
Conservação		
Data:	Técnico:	Higienização:
Digitador:		Data da digitação:

Responsável:	Data:
Assinatura:	

Fonte: adaptado de Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais (2021).

Portanto, resolveu-se fazer uma análise a partir dos campos disponíveis. Dessa forma, nas próximas subseções encontram-se as análises dos campos presentes nas fichas de maneira categorizada: Conservação, Objeto no museu (dados de entrada), Histórico e composição da peça.

4. 1 CONSERVAÇÃO

Os campos utilizados na categoria *Conservação* são: estado de conservação (ótimo, bom, regular ou péssimo), observações, conservação, data, técnico e higienização.

A ocorrência da utilização dos campos foi analisada, sendo visualizada na tabela abaixo.

Tabela 2 - Análise da categoria Conservação

Metadado	Porcentagem de utilização nas fichas analisadas
estado de conservação	100%
observações	0%
data	0%
técnico	0%
higienização	0%

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Numa ficha, o intuito da área de estado de conservação é “diagnosticar qual é a situação de conservação do objeto — se bom, regular, ruim ou péssimo” (PADILHA, 2014, p. 52).

Objetos, e principalmente, indumentárias podem apresentar marcas do tempo de acordo com seu uso ou estado de conservação. Neste caso, por se tratar de um acervo que contempla peças que usualmente eram voltadas ao ato de vestir, é imprescindível uma higienização e conservação adequada da peça.

Observa-se que o campo que remete ao estado de conservação da peça foi preenchido em todas as obras, entretanto as demais informações estão faltando. Não se sabe se foi por não haver uma intervenção preventiva no material ou por falta de anotações. Mas é necessário destacar que o importante é começar. Na prática, muitas vezes com pouco recurso, poucos profissionais, pouco tempo e muita demanda, o fato de existir uma documentação sendo realizada é de grande relevância.

4. 2 OBJETO NO MUSEU

A categoria *Objeto no museu* refere-se aos dados de entrada no museu. Os campos utilizados na categoria são: objeto, classe, termo regional, título/assunto, localização, nº registros, nºs anteriores, data aquisição, modo da aquisição, digitador, data de digitação, responsável, data e assinatura.

Tabela 3 - Análise da categoria Objeto no museu

Metadado	Porcentagem de utilização nas fichas analisadas
objeto	100%
classe	100%
termo regional	0%
título/assunto	0%
localização	100%
n° registros	100%
n°s anteriores	0%
data aquisição	0%
modo da aquisição	100%
digitador	100%
data de digitação	100%
responsável	100%
data	100%
assinatura	100%

Fonte: elaborado pela autora (2021).

O campo *Objeto* “apresenta o que é o objeto, como, por exemplo, quadro, vestido, entre outros.” (PADILHA, 2014, p. 52, 2014). Apesar do museu de Hábitos e Costumes ser conhecido por ter um papel importante como acervo indumentário, é necessário a caracterização do tipo de *objeto* e sua *classe*, já que a instituição também abarca utensílios de casa, cozinha e brinquedos de época.

N° de registro é “a identificação dada pelo museu ao objeto.” (SÃO PAULO, 1987, p. 15); Enquanto os *n°s anteriores* dizem “respeito a números antigos registrados no objeto, seja por ter pertencido a outra instituição ou porque o museu reenumerou seu acervo” (PADILHA, 2014, p. 52, 2014).

Os números de identificação de uma peça são responsáveis pela sua localização no acervo, facilitando a organização e recuperação das informações neles contidas. No Museu de Hábitos e Costumes também é utilizado o campo *Localização* que corresponde a “descrição do local exato onde o objeto se encontra. A localização deve ser feita a partir de um mapeamento escrito e da criação de códigos de identificação de cada local.” (BOTTALLO, 2010, p. 69).

O Modo de aquisição é importante por conter um histórico da origem da peça. Normalmente, pode-se realizar por meio de “legado, compra, coleta, permuta, empréstimo, depósito, transferência” (PADILHA, 2014, p. 52). No Museu de Hábitos e Costumes as aquisições são realizadas, em sua maioria, por meio de doação.

Entretanto Bottallo (2010) ressalta que a forma de entrada de um objeto no museu nem sempre é conhecida. Porém, isto pode ser corrigido através de políticas internas ou portarias que possam regular tais circunstâncias.

Compreende-se também a importância dos dados da *digitalização* para conferir a responsabilidade àquele que recebeu essa função.

Dos campos não utilizados em nenhuma das fichas em análise, o que *Título* e *N^{os} anteriores* nenhuma das fichas analisadas possuíam o preenchimento desses campos. Entretanto, *termo regional* poderia facilitar a recuperação da informação no momento de pesquisas, bem como *data de aquisição* que poderia trazer dados temporais sobre a peça no museu. Porém, entende-se que é um metadado perdido quando não incluso às informações no momento da aquisição da peça, pois quem poderia fornecer aquelas informações são as pessoas que, com o tempo, se vão.

4.3 HISTÓRICO E COMPOSIÇÃO DA PEÇA

A categoria Objeto no museu refere-se aos dados de entrada no museu. Os campos utilizados na categoria Conservação são: material, técnica, descrição, época, marca/inscrições, autor, dimensões, procedência, doador, histórico e referências bibliográficas.

Tabela 4 - Análise da categoria Histórico e composição da peça

Metadado	Porcentagem de utilização nas fichas analisadas
material	100%
técnica	100%
descrição	100%
época	100%
marca/inscrições	100%
autor	0%
dimensões	100%
procedência	100%
doador	100%
histórico	0%
referências bibliográficas	50%

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Em se tratando de *época*, ela é um ponto-chave que pode trazer muitas informações sobre as peças junto com as categorias: *material* e *técnica*. Essas três, formam um conjunto que podem dar numerosos detalhes. A peça de vestuário carrega consigo o histórico de ser uma peça, sua modelagem, seu tecido, suas costuras, mas também os fatores de uso, como quem usava, para quais ocasiões e a temporalidade também são partes da sua história.

Época refere-se ao período histórico ao qual a peça pertence, enquanto matéria e técnica representam o material da confecção da peça. (SÃO PAULO, 1987)

É interessante pensar que, a pessoa que utilizava a peça em questão talvez não fosse o *doador* da mesma. Nesse sentido as indumentárias assimilam-se aos documentos de arquivo pois “os documentos de arquivo representam a própria entidade (instituição ou pessoa) que os acumulou” (CAMARGO, 2009, p. 430). No caso da indumentária de época, representa a instituição (criador/costureira/o) ou a pessoa (utilizador) que os teve pela sua principal função: o ato de vestir. Entretanto, o ato de doar as peças para uma instituição de pesquisa faz com que os signos da peça permaneçam os mesmos enquanto a sua principal função torna-se a de ser um documento, e conseqüentemente uma fonte de informação. Andrade (2006) acredita que utilizar a indumentária como fonte de informação é reconhecer o valor que este artefato traz tanto para história quanto para a moda.

É importante destacar as *dimensões* e *marcas* que a indumentária tem ou recebeu durante sua vida útil, pois também auxilia a contar sua própria história como documento individualizado. “O traje musealizado e patrimonializado insere-se como bem cultural, recebe essa atribuição pela representação de um certo tempo e lugar em que foi produzido, ou ganha esta consideração pela notoriedade de seu usuário. (BRAGANÇA, BARBOSA, 2018, p. 5687)

As *procedências* de uma peça musealizada dependem muito do contexto da instituição e da coleção em questão. “Local de onde provém o objeto o onde o objeto foi encontrado.” (SÃO PAULO, 1987, p. 15). No caso do Museu de Hábitos e Costumes, em sua maioria, a procedência das peças provém do acervo da Sra. Ellen Weege Vollmer, que colecionava itens de pessoas que viveram junto com ela na mesma época.

A *descrição* da peça refere-se à descrição física do objeto. A ficha possui campos para detalhamento de histórico, inscrições e afins, mas de qualquer modo a importância de uma descrição física da peça é importante para sua guarda e preservação.

Dos campos não utilizados (ou parcialmente utilizados) nas fichas em análise encontram-se os dados de autor, histórico e referências bibliográficas.

No campo *autor* “será inscrito o nome da pessoa física (autor) ou jurídica (fabricante) responsável pela criação/produção do objeto.” (BOTTALLO, 2010, p. 69). Pelo fato da maioria das peças virem do acervo de coleção da Sra. Ellen não existem dados da autoria das mesmas.

O *histórico* somente se tem registrado pelas anotações da Sra. Ellen e posteriormente pelo museu mas já pelo viés de peça museológica e não mais pelo contexto de uso da peça.

Por fim, as *referências bibliográficas* dizem respeito às “bases teóricas que possuem relação com o assunto do objeto” (PADILHA, 2014, p. 52). Somente uma das fichas analisadas possui como referência o site do Centro Cultural 25 de Julho que tem como propósito “à preservação e manutenção da cultura trazida pelos primeiros imigrantes alemães, à região do Vale do Itajaí” (WITTMANN, [201?]).

Acredita-se que esses três campos faltantes (dados de autor, histórico e referências bibliográficas) são de extrema importância para preservação do histórico da peça, mas entende-se o contexto individualizado da procedência de cada uma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da pandemia da Covid-19 encontrou-se certa limitação na realização do referencial teórico, visto a falta de acesso a bibliotecas físicas. Apesar de não ser realizada uma visita presencial, pode-se observar uma grande ajuda e empatia pela museóloga responsável pelo acervo e a Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais da Prefeitura de Blumenau ao nos enviar as fichas catalográficas para análise.

O objetivo geral foi atingido pela realização desta pesquisa num todo, que teve como foco o estudo da indumentária como uma fonte de informação. Atingiram-se os objetivos

específicos respaldando-se em pesquisas na sua maioria no campo museológico, sendo possível identificar as peças de vestuário como um objeto informacional. O documento representa a informação que contém nele mesmo, independente do seu suporte. Portanto, peças indumentárias podem transmitir dados, que em conjunto, podem constituir uma fonte informacional.

Posteriormente os demais objetivos foram atingidos, a partir da contextualização do acervo indumentário do museu de Hábitos e Costumes como fonte de informação, e, por fim, pela análise de uma pequena fração da documentação de peças do museu.

Uma das questões encontradas durante a pesquisa foi, se o museu em questão, contemplava um acervo diverso. É importante ressaltar que o acervo veio majoritariamente da coleção da Sra. Ellen Weege Vollmer, portanto, tende a representar um recorte específico de uma sociedade blumenauense. Acredita-se que o museu pode ser diverso em peças e histórias dentro do seu próprio contexto. Entretanto, vale lembrar que as peças sobreviventes ao tempo não representam uma sociedade como um todo e sim um recorte desta, já que a instituição possui itens colecionados por uma mesma pessoa numa mesma época.

Percebeu-se também como a museologia e a biblioteconomia conversam por serem áreas informacionais e utilizarem meios similares para catalogação, alterando suas dinâmicas e organização da informação diante de seus produtos informacionais.

Visualizou-se na prática como os conhecimentos de tratamento técnico utilizados dentro da biblioteconomia podem ser adequados junto às técnicas museológicas e aplicados à indumentária. A documentação museológica e biblioteconômica possui suas diversidades, mas em resumo, o que pretendeu-se mostrar nesta pesquisa foi que documentos em si podem conversar entre si independente de áreas. A ciência da informação, com seus meios informacionais e de tratamento técnico podem estar presentes em diversos lugares, necessitando de adequação e entendimento da instituição e/ou público-alvo.

Por fim, pode-se reconhecer a indumentária como uma fonte de pesquisa e de informação para profissionais da informação em geral, para pesquisadores e para o público interessado em conhecer parte da história de uma sociedade. Ao decorrer da pesquisa, percebeu-se um potencial de continuidade e pretende-se levar este projeto a um nível avançado de análise de fichas catalográficas, tanto de museus quanto de bibliotecas, num comparativo de usos, organização e recuperação informacional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rita. Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. In: COLÓQUIO DE MODA, 2., 2006, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: [s.n.], 2006. p. 1-7. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202006/artigos/100.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. Moda é patrimônio. In: COLÓQUIO DE MODA, 8., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012. p. 1-14. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202012/GT06/CO_MUNICACAO-ORAL/103446_MODA_E_PATRIMONIO.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

BLUMENAU. Blumenau perde Dona Ellen Weege Vollmer. **Prefeitura de Blumenau**, Blumenau, 2017. Disponível em: <https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/blumenau-perde-dona-ellen-weege-vollmer32>. Acesso em 29 abr. 2021.

BLUMENAU. Museu de Hábitos e Costumes. Prefeitura de Blumenau. Disponível em: <https://www.blumenau.sc.gov.br/governo/fundacao-cultural/pagina/espacosculturais/museudehabitosecostumes>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BOREL, Marcella. Museu de Hábitos e Costumes. **Museus**. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8498/#/tab=sobre>. Acesso em: 01 abr. 2021.

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In: ASSOCIAÇÃO Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari. **Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010. p. 48-79. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf. Acesso em: 13 set. 2021.

BRAGANÇA, Flávio Oscar Nunes; BARBOSA, Priscila Faulhaber. Etiqueta-documento: o acervo de indumentária do museu casa da hera. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 5690-5708. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102118>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida Camargo. Os arquivos e o acesso à verdade. In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELLES, Edson; TELES, Janaína de Almeida. **Desarquivando a ditadura. Memória e Justiça no Brasil**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2009. p. 424-443.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CASTRO, Kedma Lima de; CASTRO, Jetur Lima de; OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. A moda como objeto de informação: o caso do Movimento Feminista Punk Riot Grrrl. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 24-33, set. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41762/26140>. Acesso em: 22 mar. 2021.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006. Disponível em: https://www.comunicacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/p_museologia.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15121>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FCC. Bens tombados: projeto "ô de casa!". **Fundação Catarinense de Cultura**. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/patrimoniocultural/patrimonio-material/listagem-de-bens-tombados#blumenau>. Acesso em 29 mar. 2021.

FERREIRA, Diêgo Jorge Lobato. A moda pelo viés da memória: das passarelas para o museu. In: MODA DOCUMENTA: MUSEU, MEMÓRIA E DESIGN, 5., 2015, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: MIMO, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. **Manual de museología**. Madrid: Editorial Síntesis, 1994. (Biblioteconomía y Documentación).

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MENEZES, Estera Muszkat. **Pesquisa Bibliográfica**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SWCTzhjB8dLZpNwfhYKKq9f/?lang=pt#>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/downloads/patrimonio-cultural/sistema-estadual-de-museus-se-m-sc/2352-col-estudos-mus-v2-documentacao-museologica-e-gestao-de-acervos>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PALHARES, Maria Cristina; SILVA, Andréa de Benedetto; OLIVEIRA, Fábio Moreira de. Proposta de catalogação para acervo de indumentárias do museu da imigração de São Paulo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 94-123, set./dez. 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1283>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-e-dicao>. Acesso em: 26 ago. 2021.

PRYTHERCH, Raymond John. **Harrod's librarians' glossary and reference book: a dictionary of over 10,200 terms, organizations, projects and acronyms in the areas of information management, library science, publishing and archive management**. 10. ed. Hampshire: Ashgate Publishing Limited, 2005. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2005.

SALLES, Manon. Coleções de vestimentas em museus. O que conservar? In: COLÓQUIO DE MODA, 12., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ABEPEM, 2016. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202016/COMUNICACAO-ORAL/CO-03-Cultura/CO-03-Colecoes-de-Vestimentas-em-Museus-O-que-conservar.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; SANTOS, Juliana Cardoso dos. Mediação da informação no campo da moda. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 95-115, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/100105>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SÃO Paulo (Estado). **Manual de orientação museológica e museográfica**. São Paulo: Imprensa oficial do estado, 1987. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/serie-memoria-institucional/>. Acesso em: 13 set. 2021.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramZero**, v. 0, n. 0, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7327>. Acesso em: 17 set. 2021.

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e comunicação: a indumentária como forma de expressão**. 2005. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/PSilva.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SIMILI, Ivana Guilherme. As roupas como documentos nas narrativas históricas. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 237-261, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/484>. Acesso em: 11 mar. 2021.

TANUS, Gabrielle Francinne de S.C.; RENAULT, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, fev. 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220/234>. Acesso em: 27 jul. 2021.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso: 26 ago. 2021.

WITTMANN, Angelina. História do 25. **Centro cultural 25 de julho de Blumenau**. Disponível em: <http://www.25dejulho.org.br/p/nossa-historia.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.